

Encontros de História e Património

Diálogos em Noites de Verão 2006 - 2007

Espaço e Memória - Associação Cultural de Oeiras

OEIRAS



Ficha Técnica

TÍTULO:

Oeiras - Encontros de História e Património (1)
Diálogos em Noites de Verão 2006 - 2007

COORDENAÇÃO E DIRECÇÃO EDITORIAL:

Joaquim M. F. Boiça

PROJECTO GRÁFICO:

António José Cruz; Joaquim M. F. Boiça

DESIGN GRÁFICO:

Artinvento, Estudos e Projectos Lda. / António José Cruz - Zaocubo

PROGRAMAÇÃO DE INICIATIVAS:

Joaquim M. F. Boiça; Jorge Miranda; José Meco

AUTORES:

Alexandra de Carvalho Antunes; Alexandre Pires Eurico Lisboa; Ana Teixeira Gaspar; Arnaldo António Pereira; Joaquim M. F. Boiça; Jorge Miranda; José d'Encarnação; José Manuel Fernandes; José Meco; Margarida Ramalho; Luís Filipe André; Rodrigo Alves Dias.

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO:

Carlos Morgado; Joaquim M. F. Boiça

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS:

Arquivo CP; Arquivo Espaço e Memória; Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa; Arquivo Associação Desportiva de Oeiras; Instituto Geográfico Português; Alexandra de Carvalho Antunes; Bruno Costa; Guilherme Cardoso; Henrique Ruas; Joaquim M. F. Boiça; José Manuel Fernandes; José Meco.

AGRADECIMENTOS:

Direcção de Faróis
Maria Teresa Coimbra; Maria Luísa Ferrão; Clotilde Oliveira - Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra;
Carlos Malato e Rui Malato - *Casa das Queijadas*; Abel Amorim - Restaurante *O Pombalino*

EDIÇÃO:

Espaço e Memória - Associação Cultural de Oeiras / Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Textype

DEPÓSITO LEGAL:

xxxxxxxxxxxxxxxx

ISBN:

978-989-96703-0-3

TIRAGEM:

1500 exemplares

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, por qualquer processo, sem a autorização prévia do Editor.

APOIOS:



Índice

Palavras Prévias Carlos Morgado	4
Apresentação Joaquim M. F. Boiça	5
Doçaria Tradicional Oeirense. Um Património Cultural a Preservar Jorge Miranda	6
Oeiras Romana. A Compreensível Convivência José d'Encarnação	22
Azulejos da Vila e Concelho de Oeiras José Meco	38
A Greve dos Tecelões de Oeiras (1871) Ana Teixeira Gaspar	60
Arquitectura de Veraneio no Concelho de Oeiras: <i>Chalets</i> de Dafundo e Cruz Quebrada (1898-1900) Alexandra de Carvalho Antunes	72
Os Faróis de Oeiras. História e Valor Patrimonial Joaquim M. F. Boiça	88
Os Primórdios do Desporto Associativo na Vila de Oeiras (1906 - 1956) Luís Filipe André	112
O Bairro de Nova Oeiras como espaço urbano, paisagístico e arquitectónico: da construção à recuperação (1955-2007) José Manuel Fernandes	134
De Lisboa a Cascais, Fragmentos de Memória. Os Caminhos de Ferro por Terras de Oeiras Margarida Ramalho	148
Artes Decorativas no Palácio do Marquês de Pombal José Meco	166
O Marquês de Pombal e Oeiras. Algumas Notas Arnaldo António Pereira	186
A Fortaleza Primitiva de S. Julião da Barra (1559 - 1580) Joaquim M. F. Boiça	206
Requalificar a Paisagem Alexandre Pires Eurico Lisboa e Rodrigo Alves Dias	226
Oeiras na 3.^a Invasão Francesa. Fortificação e Estratégia Militar (1809-1811) Joaquim M. F. Boiça	244

Alexandra de Carvalho
Antunes

Arquitectura de Veraneio no Concelho de Oeiras: *Chalets* de Dafundo e Cruz Quebrada (1898-1900)

Fotos de:
Alexandra de Carvalho Antunes

Palavras-chave

Arquitectura de veraneio,
conservação arquitectónica,
inventário,
salvaguarda.

↙
Palácio Anjos

Resumo

Adopta-se o conceito tradicional de arquitectura de veraneio: casa unifamiliar, construída com a finalidade de alojar os veraneantes durante o período de lazer, em geral em ambiência diversa daquela em que decorre a vida quotidiana, privilegiando-se localizações que permitam o franco contacto com a Natureza, seja no campo ou na praia. É a concretização da “segunda casa” que, regra geral, representa a casa ideal, fantasiada, não raras vezes, durante anos de trabalho.

Sendo a nobreza a classe vilegiaturista pioneira, no nosso território, à semelhança do que ocorreu em outros países, na segunda metade do séc. XIX, vulgarizou-se a estada à beira-mar de novos aristocratas e burgueses. O estudo da arquitectura de veraneio no concelho de Oeiras, sendo complexo e multidisciplinar, abrange alguns imóveis já desaparecidos. Assume-se como seu propósito derradeiro a definição de um “programa de salvaguarda” dos imóveis ainda existentes, para o que são de primordial importância quer a sua rápida identificação, quer a sua consciente caracterização e a avaliação do seu estado de conservação; perspectivando-se assim correctos programas de conservação e reabilitação desta arquitectura por vezes considerada menor.

Embora sem a marcante presença da família real que, desde a década de 70 do séc. XIX, veraneava em Cascais, o concelho de Oeiras assume um importante papel no veraneio marítimo, concorrendo para a sua democratização. Assim, desde a construção do *Chalet Miramar* (actualmente conhecido como Palácio Anjos, em Algés), na faixa litoral agora designada Dafundo e Cruz Quebrada assiste-se à construção de vários modestos *chalets* de veraneio. Tendo estes, na sua maioria, sido demolidos, apresentamos seis exemplares, construídos entre 1898 e 1900, dos quais somente um - *Villa Louise* - ainda subsiste.

1. Introdução

O termo “Arquitectura de Veraneio” permite inúmeras descrições e considera um vasto conjunto de tipologias construtivas.

Veraneio é o tempo que se dedica a actividades de lazer, em que se parte para outro lugar, em geral bem diferente daquele onde transcorre a vida quotidiana; é neste período que o indivíduo se dedica, por razões médicas ou por puro prazer, a actividades diversas das habituais, normalmente em contacto com a Natureza, quer seja no campo ou na praia.

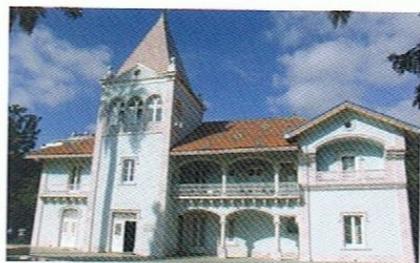
Assim, não existe uma, mas incalculáveis “arquitecturas de veraneio”. Nos tempos modernos podemos veraneiar tendo como “casa” hotéis, empreendimentos ou alojamentos pluri ou unifamiliares e como cenário lugares rústicos, rebuscados, edénicos, campestres ou marítimos, na neve, em climas temperados ou tórridos. Podemos fazer cruzeiros ou partir de mochila (e casa) às costas. Todas estas são “casas” de férias e portanto “arquitecturas de veraneio”. Estamos no século XXI.

Mas visitemos os alvares de Oitocentos, quando, mercê de recomendações médicas que indicavam a terapêutica marítima como solução para diversos males respiratórios e de pele, a pioneira aristocracia portuguesa vai a banhos.

Nas suas *Memórias* (...), o 7.º Marquês de Fronteira descreve a temporada passada em Ribamar, o território que actualmente conhecemos como Algés: «No Verão de 1806 tomou minha família a casa do conde de Lumiares, a S. José de Ribamar. Era nosso vizinho o meu tio e tutor, o marquês de Bellas, que residia no seu forte»¹. A casa do conde de Lumiares é o actual Palácio Ribamar. O supracitado forte é o antigo forte de Nossa Senhora da Conceição de Pedrouços, mais tarde convertido no edifício designado Palácio da Conceição, demolido em finais de 2002. Confrontava com a Estrada Marginal, a sul e com a Rua Major Afonso Pala, a norte.

Assim, desde o início do séc. XIX, o lugar que em 1865 é denominado Praias - «que compreende Cruz Quebrada, Dafundo, S. José de Ribamar e Ponte de Algés»² e que corresponde à actual faixa ribeirinha que vai de Cruz Quebrada a Algés - é destino de veraneio. Sendo pioneira a nobreza, a estes se seguem, burgueses e recém-nobilitados.

É neste panorama que, em 1880, o comerciante e capitalista Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos manda erguer o *chalet* Miramar³. Trata-se do edifício que hoje conhecemos



Palácio Anjos, 2007.

Alçado sul do Palácio de Nossa Senhora da Conceição. Na base da edificação são visíveis os vestígios do antigo forte. Demolido em 2002.



como Palácio Anjos, e que desde Novembro de 2006 alberga a colecção de arte Manuel de Brito.

O Palácio Anjos é assumido no plano da “arquitECTURA de veraneio” como a partir daqui, de forma delimitada, referiremos esta tipologia: moradia unifamiliar, que pode ser majestosa ou modesta, usufruir de privilegiada localização ou encontrar-se num núcleo do qual não se destaca, enquadrando-se nas tipologias do *chalet*, do castelinho, do palacete, ou em outra; mas construída com a clara finalidade de albergar a vilegiaturista família durante a época de banhos.

A vilegiatura à beira-mar nasceu em Inglaterra em meados do séc. XVIII, tendo a arquitectura de veraneio surgido no início do séc. XIX. Em Portugal, ocorre, na segunda metade desse século, com significativa expansão, na Foz do rio Douro, a que não será alheio o facto de aí estar instalada uma importante colónia de ingleses.

Se inicialmente o banho de mar era terapêutico e destinados à aristocracia instruída e viajada, já na segunda metade de oitocentos é fruído pela nossa burguesia industrial, capitalista, culta e conhecedora do Mundo, acompanhada dos recém-nobilitados. A temporada de banhos de mar passa a ser tempo de “férias”, como

¹ *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna, D. José Trizimundo Mascarenhas Barreto. Ditadas por ele próprio em 1861 e revistas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrade, 5 vols., Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986 (1.ª edição 1928-32), Parte I-II, pp. 19-20.*

² FIGUEIRA, Pe. Francisco da Silva, *Os primeiros trabalhos litterários*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865, p. 2.

³ ANTUNES, Alexandra, *O Palácio Anjos e a Arquitectura de Veraneio em Algés*, Oeiras, Ed. CMO, 2004.

agora a conhecemos, com passeios à beira-mar, ou no rio, *soirées* de dança e música e muitos outros divertimentos e motivos de animação.

Na zona ribeirinha dos Concelhos de Oeiras e Cascais – a “Costa do Sol”⁴ – é notório o desenvolvimento urbanístico, entre 1880 e 1930, através da construção de edificações que serviam eminentemente o veraneio marítimo.

2. Estudos de Arquitectura de Veraneio

Os estudos da arquitectura de veraneio tiveram, no nosso país, notável impulso com os trabalhos, iniciados na década de 1980, por Raquel Henriques da Silva, no concelho de Cascais. Foram, desde então, estudados importantes núcleos da arquitectura de veraneio no concelho que complementa o de Oeiras na formação da “Costa do Sol”, sendo de salientar os relativos a: *Carcavelos, Parede, Monte Estoril, Estoril, S. João do Estoril e Cascais*. Inúmeras têm sido as abordagens ao tema e aos ecléticos edifícios do concelho⁵.

Actualmente existem estudos, publicados, da arquitectura de veraneio, e temas com este conexos⁶, de distintas regiões do país, entre as quais: *Leça da Palmeira*⁷, *Foz do Douro*⁸, *Figueira da Foz*⁹, continuando a ser o concelho de Cascais o mais estudado.

O concelho de Oeiras, contíguo ao abundantemente estudado concelho de Cascais, embora seja esquecido, merece especial atenção. Deverão considerar-se territórios complementares, assumindo-se a sua integridade e unidade, já em 1948, definidas pela “Costa do Sol” e seu “Plano de Urbanização”.

Os trabalhos publicados são ainda escassos reportando-se: um ao *Palácio Anjos*¹⁰ e ao veraneio na faixa de Algés/Dafundo/Cruz Quebrada e outro a *Santo Amaro de Oeiras*¹¹ numa abordagem identificativa das condições que propiciaram a construção de casas de veraneio neste aglomerado.

3. Estudo da “Arquitectura de Veraneio no Concelho de Oeiras ”

Estima-se que no concelho de Oeiras existam, ainda, mais de duas centenas de edifícios enquadráveis na tipologia “arquitectura de veraneio”. Neste âmbito está em curso um estudo abrangente, através do qual estes imóveis são identificados e estudados, definindo-se um programa para a sua correcta conservação e salvaguarda. Prevê-se a apresentação de resultados preliminares durante o ano de 2008.

O estudo de exemplares de património cultural construído pertencentes a tipologias consideradas menores, apresenta-se como um desafio; acrescendo que, invariavelmente existe a tentação de comparar os edifícios implantados no concelho de Oeiras com o universo pertencente ao concelho de Cascais – em vantagem, por desde há quase três décadas serem estudados e intervencionados à luz dos critérios de intervenção em edifícios históricos.

⁴ Termo que designa o território correspondente à faixa costeira dos concelhos de Oeiras e Cascais. O termo “Costa do Sol” surge com a publicação do Decreto-Lei n.º 37 251, de 28 de Dezembro de 1948, através do qual o Governo aprovou o Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS), que estabeleceu uma disciplina de ocupação do solo e uma organização urbanística adequadas a preservação do carácter da zona, vislumbrando já a pressão de uma progressiva densificação populacional e urbana.

⁵ SILVA, Raquel Henriques da:

a) “Sobre a Arquitectura do Monte Estoril, 1880 – 1920” in *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, n.º 5, 1984, pp. 9-22;

b) “A Arquitectura de veraneio em S. João do Estoril, Parede e Carcavelos, 1890-1930” in *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, n.º 7, 1988, pp. 93-174;

c) *Cascais, Coleção Cidades e Vilas de Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1988.

BRIZ, Maria da Graça Gonzalez:

a) “A Arquitectura do Estoril: da Quinta do Viana ao Parque do Estoril, 1880 – 1930” in *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, n.º 8, 1989, pp. 51-74;

b) *A Arquitectura de Veraneio. Os Estoris – 1880 – 1930*, dissertação de Mestrado em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1989;

c) “Cascais: Uma Breve História da Vilegiatura Balnear”, in *Mediterrâneos e Atlânticos: Encontros de Civilizações*, Actas dos 2.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais, 2 vols., Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 1996;

d) *A vilegiatura balnear marítima em Portugal (1870-1970): sociedade, arquitectura e urbanismo*, dissertação de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2003.

⁶ MARTINS, Maria Luísa M. Afonso, *A vilegiatura marítima no século XIX de Belém a Cascais*, dissertação de Mestrado em História Social Contemporânea, Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, 2 vols., Lisboa, 1996.

NUNES, Francisco Oneto, “O Trabalho faz-se espectáculo: A pesca, os banhos e as modalidades do olhar” in *Etnográfica*, vol. VII (1), 2003, pp. 131-157.

⁷ OLIVEIRA, José Maria, *Leça da Palmeira. Lazer e evolução urbana litoral – entre finais dos sécs. XIX e meados do séc. XX*, dissertação de Mestrado em Geografia, Dinâmicas espaciais e ordenamento do território, Universidade do Porto, 1997.

⁸ CARVALHO, Maria Filomena Barros de, *Arquitectura e vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols., 1997.

⁹ JESUS, Francisco José da Cruz de, *Arquitectura balnear e modernidade: o exemplo do Bairro Novo de Santa Catarina da Figueira da Foz, 1928-1953*, dissertação de mestrado em História da Arte, Universidade Lusitana, 1999.

¹⁰ ANTUNES, Alexandra, *op. cit.*

¹¹ ROCHA, Filomena Serrão, “Contributo para o estudo da arquitectura de veraneio em Santo Amaro de Oeiras nos finais do século XIX e início do século XX” in *Actas dos III e IV Encontros de História Local do Concelho de Oeiras*, C.M.O., 2000, pp. 39-41.

3.1 Metodologia

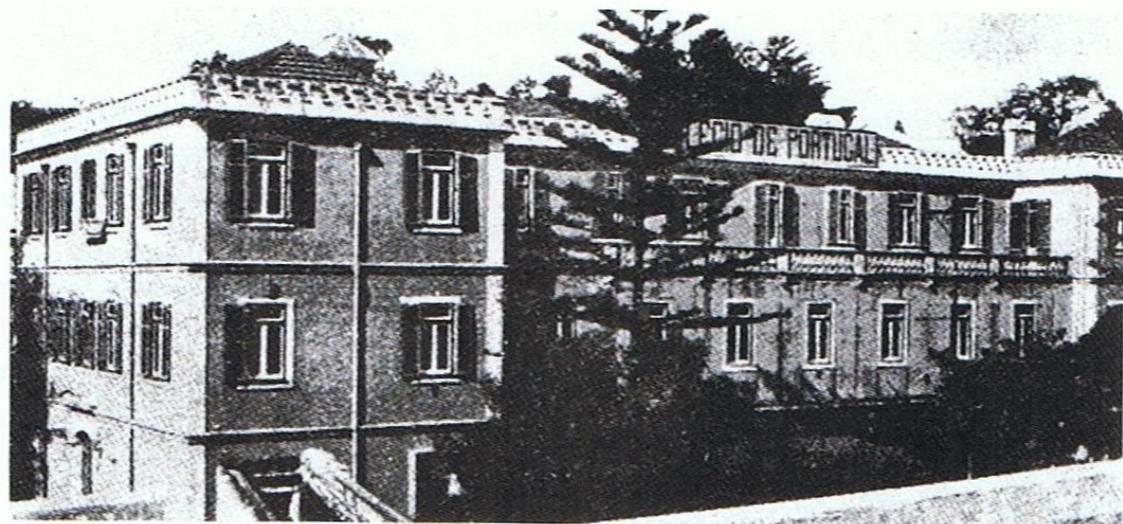
O concelho de Oeiras, com cerca de 46 km² de território, distribuídos por dez freguesias, possui características únicas e ao mesmo tempo encerra díspares realidades urbanísticas, arquitectónicas e de património cultural construído.

Para a constituição do estudo da arquitectura de veraneio do concelho, recorreremos a pesquisas documental, bibliográfica e cartográfica, bem como a trabalho de campo, que permite a identificação, caracterização e estudo do estado de conservação, de cada um dos imóveis enquadráveis na tipologia. É esta a abordagem viável para os imóveis existentes; dos demolidos restam, por vezes, apenas uma referência bibliográfica, algumas imagens ou processo entregue à Câmara requerendo alvará para a sua construção. É o caso de cinco dos seis *chalets* apresentados no ponto 4.

3.2 Objectivos

Assumindo como objectivo geral a inversão da actual situação - que nem sempre privilegia a conservação - e o estabelecimento de medidas de conservação, reabilitação e salvaguarda dos edifícios; os principais objectivos do estudo em curso são:

- Inventariação dos exemplares de “arquitectura de veraneio” do concelho de Oeiras - Património Cultural Construído - como medida preventiva, tendo em conta a sua correcta conservação e recuperação;
- Caracterização de cada uma das edificações enquadráveis no conceito de “arquitectura de veraneio” no que concerne aos domínios: tipologia arquitectónica e por menores estilísticos, materiais e técnicas construtivas empregues e estado de conservação actual;
- Identificação, tendo em conta riscos considerados graves (p. ex. de colapso estrutural), de edifícios em risco;
- Definição de “Recomendações para a correcta conservação, reabilitação e/ou salvaguarda”;
- Definição de “Proposta de Programa de Salvaguarda e Conservação da Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras”.



4. Alguns *chalets* de Dafundo e Cruz Quebrada

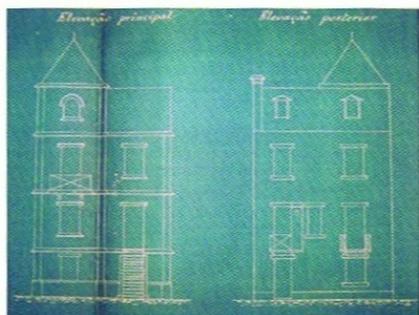
Se considerarmos o relato de Branca de Gonta Colaço e de Maria Archer, na sua obra de 1943, facilmente cremos ter ocorrido somente nos últimos anos da centúria de oitocentos a construção dos primeiros *chalets* de veraneio no Dafundo. Segundo as autoras, em 1893, *o sítio era quasi deserto*; para além-hortas e do areal, havia duas casas de pasto, o Palácio Castelo Melhor e a quinta da família Palha¹². Se o primeiro, construído em 1825, contíguo ao palácio dos Palha, foi demolido na década de 1950; no outro encontra-se actualmente instalado o Instituto Espanhol. Assegura D. José Coutinho de Lencastre que no ano de 1868, na casa da família Palha, veraneou El-Rei D. Fernando¹³ que, na companhia de sua segunda mulher, a condessa d'Edla, ali apreciaram a estação balnear¹⁴.

Terá tido lugar nos últimos anos da década de 1890 a construção da Vivenda Mondego, exemplar casa de veraneio, actualmente conhecida como Casa do Cedro. São, a essa data, populares as tabernas e casa de pasto do Dafundo, é inaugurado o Aquário Vasco da Gama – a 4 de Dezembro de 1898, pelo rei D. Carlos -, é construída a Praça de Touros de Algés e assiste-se à criação de casinos e de outras diversões.

Estabelecida a ligação a Lisboa por caminho-de-ferro, o que em muito contribuiu para a massiva implementação de casas de veraneio na região de Dafundo e Cruz Quebrada, o local torna-se destino de veraneio de famílias que, não sendo abastadas, possuíam meios para ali fazer edificar o seu modesto *chalet*.

Era localização privilegiada a confrontação com a então Estrada Real n.º 67, que ligava Lisboa a Cascais e que corresponde à actual Rua Direita do Dafundo continuando com a Rua Sacadura Cabral. Era a norte desta via que se encontravam implantados os, acima referidos, Palácio dos Marqueses de Castelo Melhor e Palácio da família Palha.

Os processos que apresentamos são os mais antigos, referentes a esta zona, existentes no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras. Desconhecemos a data exacta a partir



Casa de Dr. Augusto José das Neves, 1898. Pormenor do projecto em papel: alçados principal e posterior. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).



Palácio dos Marqueses de Castelo Melhor, no período em que aí esteve instalado o Colégio Português. Demolido na década de 1950. In GOMES, Levy Nunes, Cruz Quebrada — Dafundo. Património e Personalidades, Ed. CMO, 2006, p.151.

da qual se tornou necessário submeter os projectos a apreciação por parte da Câmara Municipal; mas cremos ter sido a partir de 1898. Em Janeiro desse ano - depois da integração do concelho de Oeiras no de Cascais, ocorrida a 26 de Novembro de 1895 - é "reposto" o concelho de Oeiras¹⁵. Embora não o possamos ainda provar, julgamos existir relação entre estes factos: a repositição do concelho e a definição de procedimentos conducentes à aprovação de projectos e de obras.

Os seis *chalets* apresentados representam, com algumas variações, o modelo tipológico do *chalet* rústico, simples, despojado. Assumindo coberturas de duas águas de acentuada inclinação - que, nos locais originários da tipologia, têm funções de adaptação às condicionantes da queda de neve -, podem apresentar um corpo em torre, recorrer à orgânica madeira nos beirados ou a decoração com elementos pétreos ou de ferro forjado - em remates de cobertura ou beirados - e, normalmente, às pitorescas janelas de águas-furtadas.

Todos os edifícios, excepção feita à *Villa Louise*, foram demolidos, o que justifica não podermos mostrar mais do que as peças desenhadas entregues aos serviços da Câmara Municipal de Oeiras. As datas correspondem, sempre, ao ano em que esta sujeição de aprovação ocorreu.

4.1 Casa de Dr. Augusto José das Neves, 1898

A 3 de Março de 1898 é apresentado à Câmara Municipal de Oeiras um requerimento, muito simples e aos dias de hoje quase ilegível, acompanhado de duas cópias de um projecto, em papel, de que apresentamos pormenor. Conforme o processo, trata-se do *Projecto da edificação que o Dr. José Augusto das Neves pretende mandar fazer no seu terreno situado entre o Dafundo e a Cruz Quebrada*. Apresenta-se como construtor responsável Francisco Ferreira d'Azeredo.

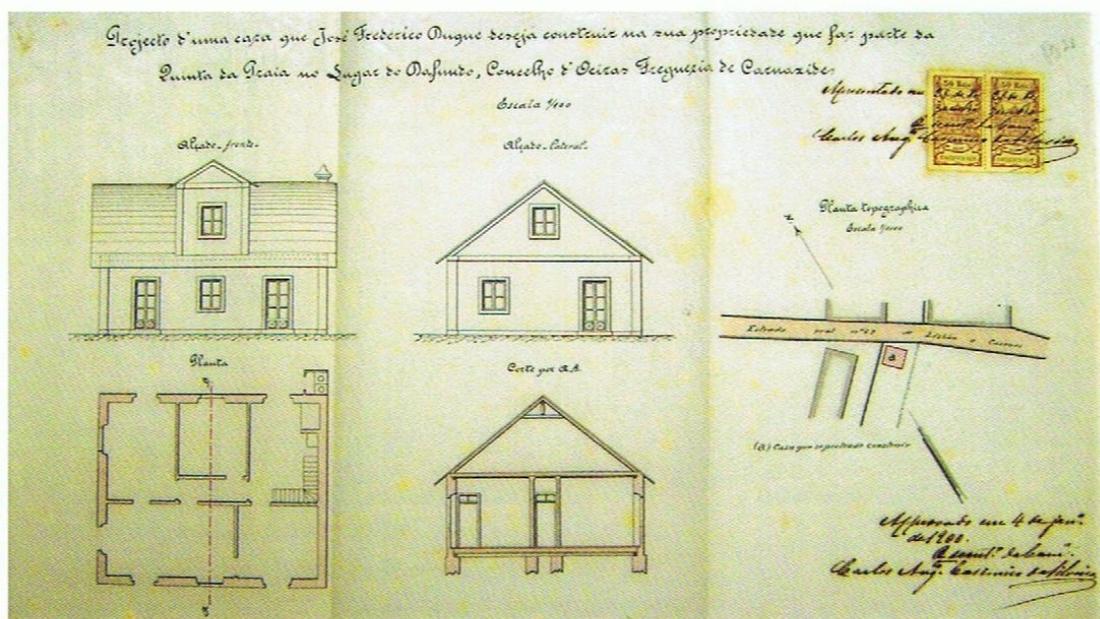
Desconhecemos a localização deste imóvel, que afirmamos ter já sido demolido, pois nada consta que se assemelhe a este projecto na zona em estudo.

¹² COLAÇO, Branca de Gonta e ARCHER, Maria, *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1943, p. 88.

¹³ LENCASTRE, D. José Coutinho de, *Passeio de Lisboa a Cascais por mar e terra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868, p. 45.

¹⁴ STOOP, Anne de, *Quintas e palácios nos arredores de Lisboa*, Livraria Civilização, Barcelos, 1989, p. 126.

¹⁵ FERNADES, António, *A Geografia de Oeiras. Atlas Municipal. O registo do fim do século*, Oeiras, CMO, 1997, p. 22.



O projecto apresenta: planta da cave, planta do rés-do-chão, elevação principal, elevação posterior e um corte.

Não dispomos de qualquer memória descritiva ou de dados relativos a materiais ou processos construtivos empregues.

Trata-se de uma edificação sólida, da planta quadrangular, constituída por três pisos e um quarto que contempla uma cobertura em torre. Poderão reconhecer-se semelhanças com o torreão do Palácio Anjos – o marco algesino da arquitectura de veraneio – quer na forma da cobertura da torre, quer no traço da janela que fenestra a divisão mais elevada.

Presentimos os vãos emoldurados a cantaria e o recurso à madeira, no beirado e em toda a estrutura. Tendo em conta a presença do nível freático, inevitável em terrenos, ribeirinhos, de aluvião, terá sido forçosa a degradação das fundações e da alvenaria – de pedra ou mista, com ligante à base de cal – do piso enterrado. Uma eventual justificação para a sua demolição, que desconhecemos quando terá ocorrido.

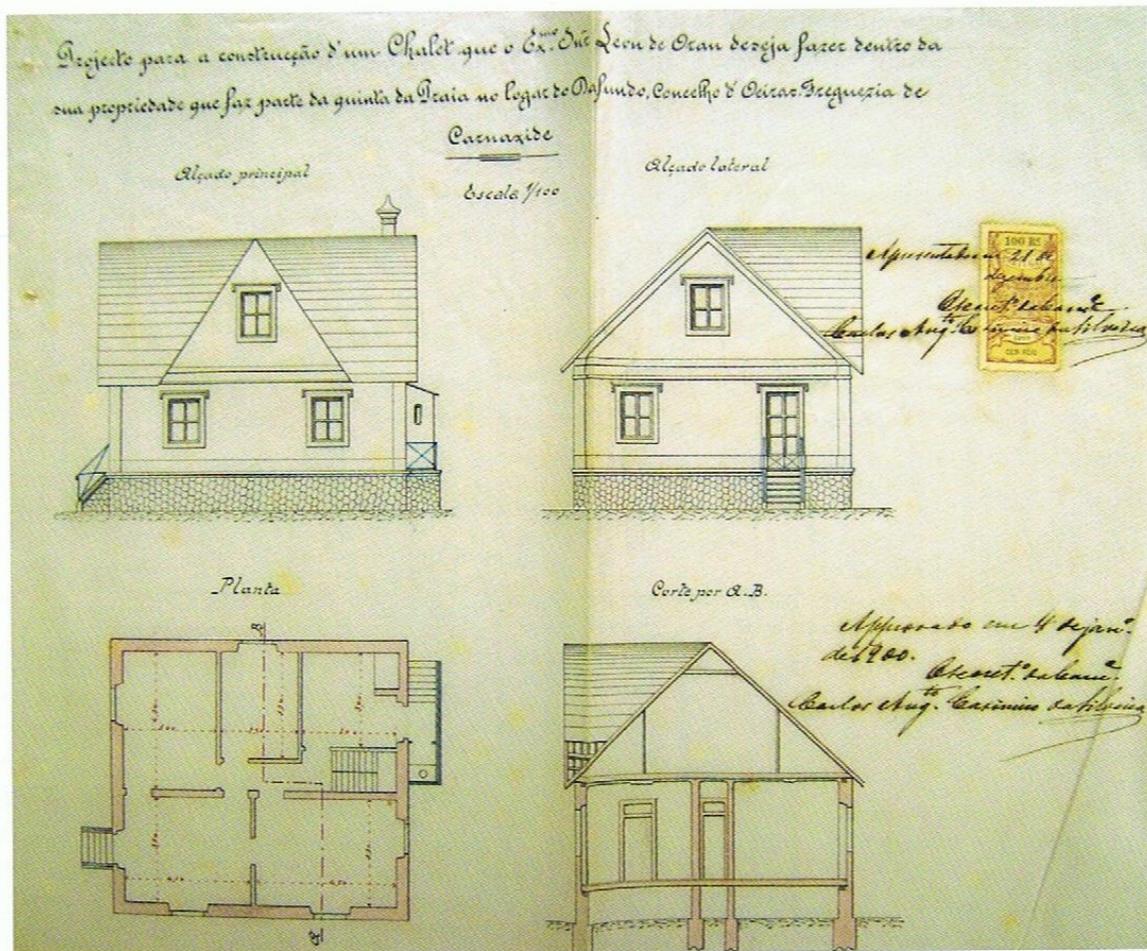
4.2 Casa de José Frederico Duque, 1899

José Frederico Duque era, a esta data, residente no lugar do Dafundo, aí possuindo vários terrenos. Em sessão de 4 de Janeiro de 1900 é deferido o demandado por este, através de requerimento entregue, a que juntou projecto em tela, a 28 de Dezembro de 1899.

O singelo chalet estava implantado no lado sul da Estrada real n.º 67 de Lisboa a Cascaes, conforme o projecto, num terreno que fazia parte da Quinta da Praia. É um edifício de planta quadrangular, com piso térreo complementado por piso em mansarda – com janela de águas-furtadas, no alçado principal.

A peça desenhada, única, integra: alçado principal, alçado lateral, planta, corte e planta topográfica (com a localização).

O projecto permite-nos conferir as fundações, directas, que supomos serem constituídas



Casa de Leon Durand — Villa Louise, 1899. Projecto em tela. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).

Casa de Leon Durand — Villa Louise, na actualidade.



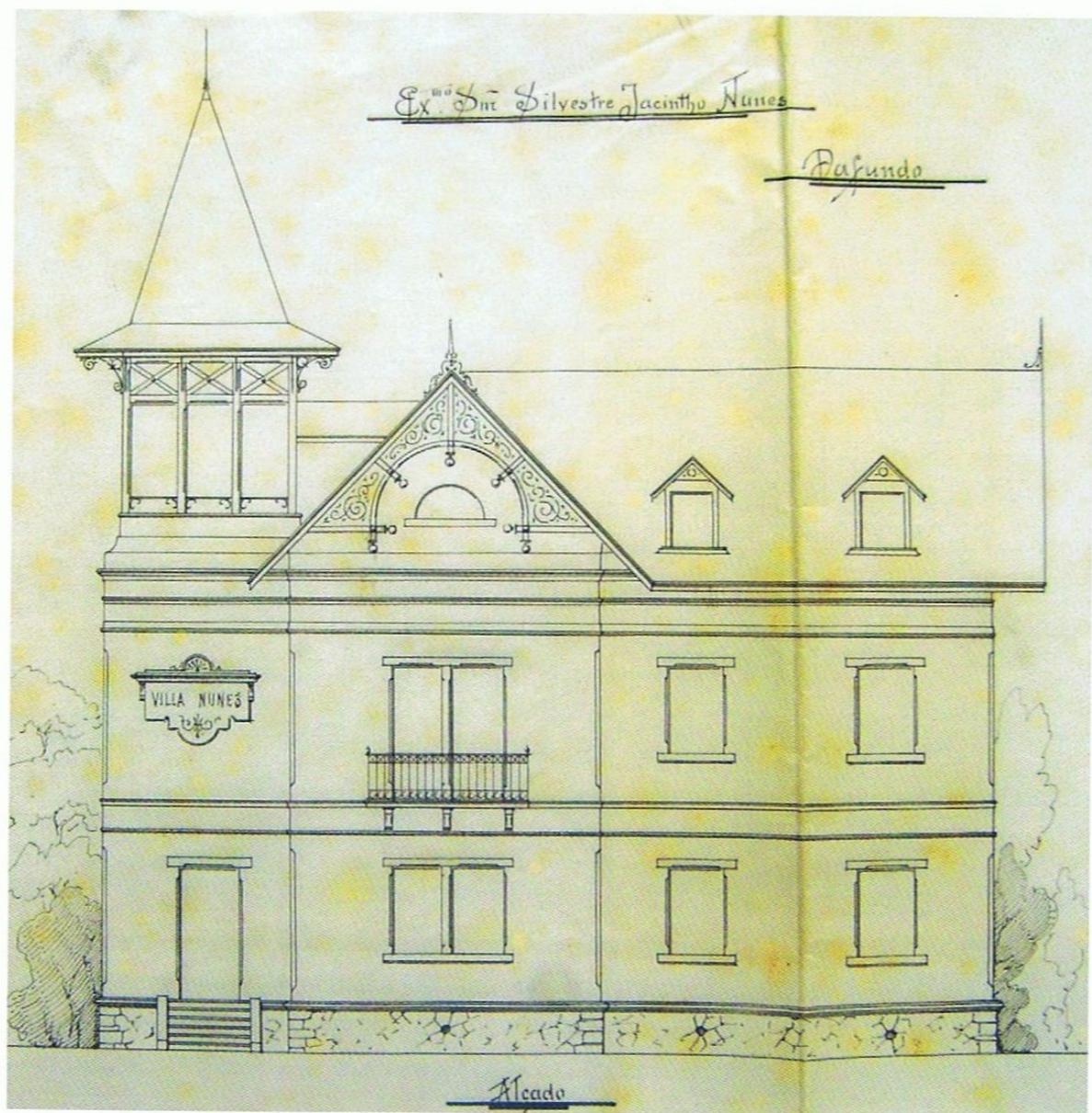
Casa de José Frederico Duque, 1899. Projecto entregue em tela. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).

por sapata contínua a todo o perímetro, reforçada por sapatas isoladas, ou mesmo um ensoleiramento geral. Estas fundações recebiam as cargas de paredes exteriores, de moderada espessura, e das delgadas paredes divisórias, transmitindo-as ao terreno.

A madeira, material orgânico, usado em estruturas — funcionando como tal de forma directa ou indirecta — e como elemento de embelezamento de exteriores e interiores, deverá ter sido empregue aqui, sem grande exuberância decorativa.

4.3 Casa de Leon Durand — Villa Louise, 1899

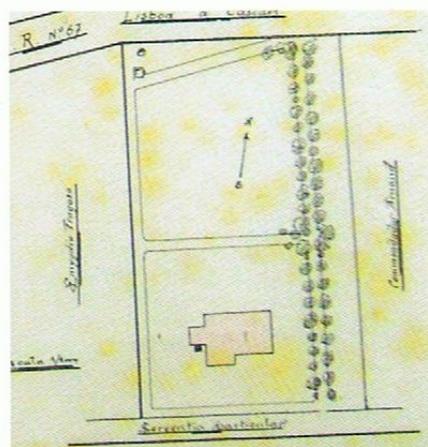
Leon Durand residente na rua Nova do Carmo n. 23 desejando construir um chalet dentro da sua propriedade denominada Quinta da Praia no logar do Dafundo em harmonia com a planta que junta em duplicado... — através deste requerimento, acompanhado de peças desenhadas, é apresentado à Câmara Municipal de



Oeiras, a 28 de Dezembro de 1899, o pedido de licença de construção da *Villa Louise*. A 4 de Janeiro do ano seguinte é deferido o pedido. Tal como o anterior, este *chalet*, em quase tudo semelhante ao anterior, fica localizado na Quinta da Praia. O requerimento não é assinado pelo proprietário deste imóvel, mas por José Frederico Duque. Comparem-se as peças desenhadas de ambos os *chalets*: as configurações dos edifícios e dos próprios projectos, não deixam qualquer dúvida quanto a ser um só o autor de ambos. Acresce que foram registados e depois deferidos nos mesmos dias.

As peças desenhadas são, neste caso duas, uma para a localização (que não reproduzimos por estar em muito mau estado) e a outra para os restantes planos (integralmente reproduzida). Esta apresenta-nos: alçado principal, alçado lateral, planta e corte.

Com rigorosa semelhança na maioria dos elementos à casa anterior, a *Villa Louise* era, inicialmente, segundo o projecto, valorizada pelo soco de cantaria; o que o acrescia em rusticidade.



Casa de Silvestre Jacintho Nunes – *Villa Nunes*, 1899. Pormenor do projecto em tela: localização. (Processos de Obras – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).



Casa de Silvestre Jacintho Nunes – *Villa Nunes*, 1899. Pormenor do projecto em tela: alçado principal. (Processos de Obras – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).

¹⁶Veja-se o capítulo IV, de caracterização arquitectónica do Palácio Anjos, em ANTUNES, Alexandra *op. cit.*

Esta autêntica casa de veraneio – segunda habitação, pois a morada habitual de Leon Durand era em Lisboa – fica actualmente na Rua Paulo Duque, correspondendo-lhe o número de polícia 19. A *Villa Louise* sobreviveu ao ímpeto “urbanizador” das últimas décadas. Será, em breve, alvo de um pormenorizado estudo – à semelhança dos outros imóveis integráveis na tipologia arquitectura de veraneio e no estudo, em curso, para o concelho de Oeiras.

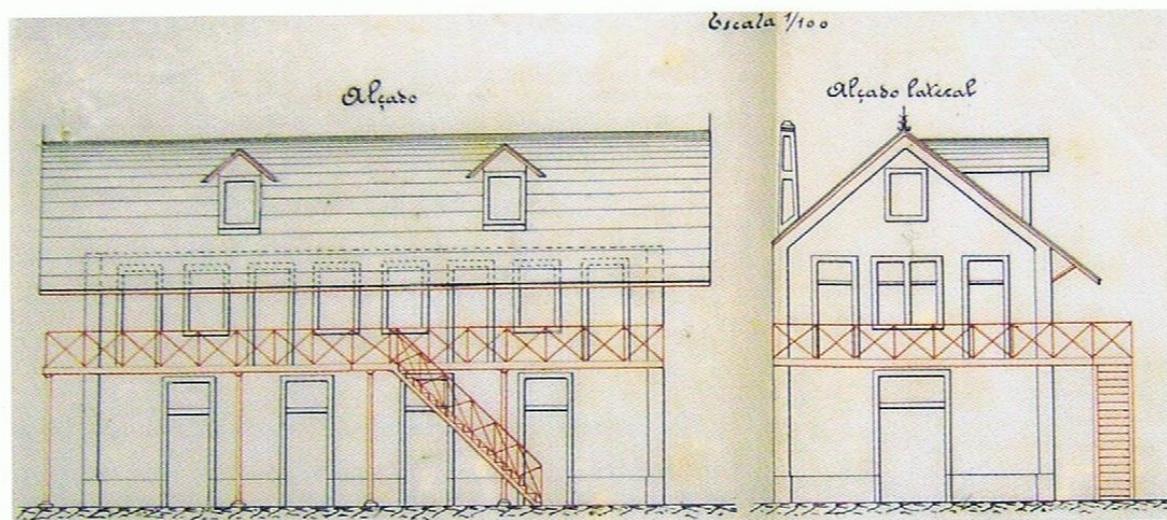
4.4 Casa de Silvestre Jacintho Nunes – *Villa Nunes*, 1899

A *Villa Nunes* ficava a sul da Estrada Real, mas não confrontava com esta por haver um outro “lote” nessa localização. A nascente confrontava com a propriedade do *Comendador Arnaud* e a poente com a de *Emydio Fragoso*.

O processo, constituído por um requerimento e duas cópias do mesmo projecto, deu entrada nos serviços camarários a 31 de Maio de 1899, sendo deferida a sua construção a 8 de Junho do mesmo ano. A tela apresentada ilustra o que terá sido esta já não tão despreziosa casa de veraneio, representando, para além da planta de localização: alçado principal, corte e plantas de cada um dos três pisos.

O projecto certifica-nos das inúmeras semelhanças com o programa construtivo definido para o Palácio Anjos¹⁶ uma vintena de anos antes, embora aqui em escala reduzida. O *chalet* desenvolve-se por três pisos, sendo o último valorizado por um corpo em torreão, destacado, com a cota mais elevada do conjunto. O corpo principal detém as divisões de maior área, nos pisos 1 e 2, com cerca de 25 m². Cada um destes pisos tem sete divisões, enquanto o piso 3, de águas-furtadas, tem somente quatro divisões, e num plano relativamente superior, a divisão do torreão – com o seu trio de amplas janelas.

Os vãos surgem bem distribuídos e emoldurados com cantaria, também empregue no soco. A fachada principal apresenta, ainda, notáveis elementos decorativos em ferro forjado.



4.5 Casa de Albina Rosa da Silva, 1900

A 20 de Setembro de 1900, Marcelino Gonçalves, a rogo da proprietária desta casa de veraneio, entrega requerimento e peças desenhadas completas, sobre tela. A licença municipal desta casa, implantada a sul da Estrada Real, é emitida no mesmo dia.

A peça desenhada, completa, revela não só a localização como ainda: os alçados principal e lateral, a planta do piso térreo e um corte. O requerimento refere o nome da propriedade onde se pretende construir o *chalet* - "Galão de Ouro" - próxima do lugar da Cruz Quebrada. O edifício era, no seu alçado principal, profusamente fenestrado: no piso térreo por quatro janelas de soleira e no piso 2 por quatro janelas de soleira e cinco de peitoril. Este piso estava parcialmente encoberto por um alongado beirado, que protegia a sacada - e abrangia todas as janelas do piso 2 deste alçado -, à qual se acedia através de escadaria.

Ao contrário do ricamente fenestrado alçado principal, o alçado posterior não apresentava qualquer vão; pois esta casa encontrava-se adossada, por essa empena, a outra edificação.

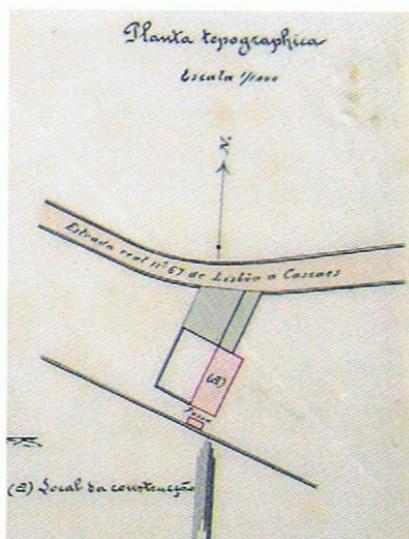
Também no programa da casa de Albina Rosa da Silva se valorizou o conjunto, com a implementação de janelas de águas-furtadas. Estas janelas, o beirado de madeira e a cobertura de duas águas marcam este *chalet* de veraneio.

4.6 Casa de Manuel Peres Ramos, 1900

José Frederico Duque teve um papel marcante, na implementação dos *chalets* de veraneio em Cruz Quebrada e Dafundo. Igualmente, este projecto é entregue à Câmara Municipal de Oeiras por Duque, a rogo do proprietário, conforme requerimento, que é entregue acompanhado de projecto em tela.

A localização desta casa de veraneio *do residente em Lisboa* (assim o atesta o requerimento), é a privilegiada Estrada Real. Este *chalet* estava muito próximo da casa de Durand. São assinaladas na planta de localização a primeira com a letra "a" e a segunda (a acima referida *Villa Louise*) com a letra "c".

A peça desenhada compreende não só a localização, como os quatro alçados, um corte, a planta do piso térreo e ainda o muro e portão que cercavam a propriedade.

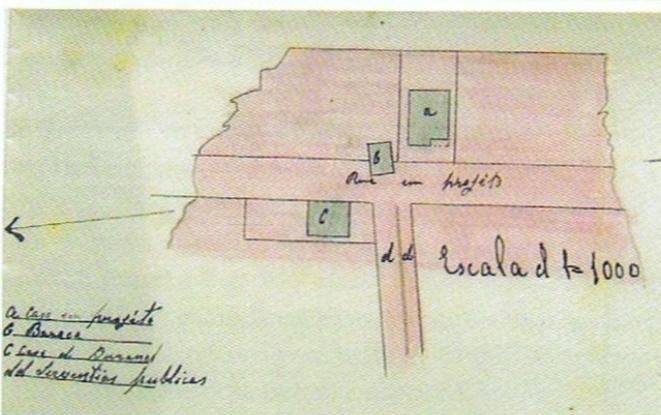
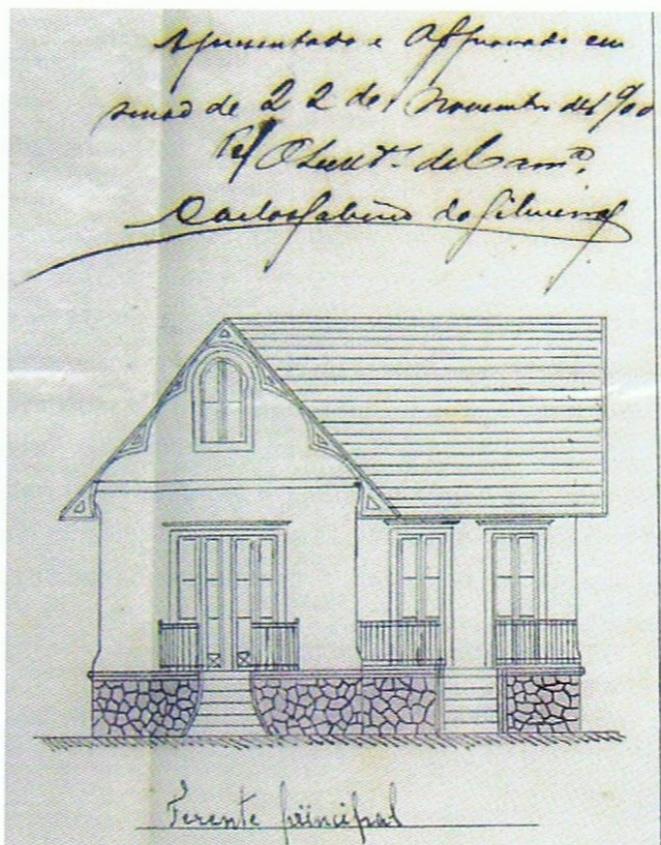


Casa de Albina Rosa da Silva, 1900. Pormenor do projecto em tela: localização. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).

Casa de Manuel Peres Ramos, 1900. Pormenor do projecto em tela: alçados. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).

Casa de Manuel Peres Ramos, 1900. Pormenor do projecto em tela: localização. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).

← Casa de Albina Rosa da Silva, 1900. Pormenor do projecto em tela: alçados. (Processos de Obras — Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Oeiras).



O modesto *chalet*, cujo alçado principal se apresenta, tinha planta rectangular e desenvolvia-se por um regular piso térreo a que acrescia um piso em mansarda, valorizado por janelas de águas-furtadas e beirado em madeira.

Ao conjunto acrescia a cobertura de pendente acentuada e soco em cantaria que, conforme o projecto, tinha o seu programa repetido, igualmente, no muro que circundava a propriedade.

5. Considerações finais

Sendo um património tão rico, a arquitectura de veraneio permite múltiplas abordagens. Se no caso dos seis exemplares apresentados a diversidade tipológica e estilística não se evidencia – assim o impunha o tema escolhido para este texto –, ao olharmos atentamente para o panorama desta arquitectura no concelho, esta visão altera-se.

Entendemos ser essencial identificar, estudar e salvaguardar os edifícios remanescentes, enquadráveis nesta(s) arquitectura(s) associada(s) ao veraneio, ao lazer, à fruição – do espaço, das condições ambientais, da Natureza, enfim, da vida. Como registos imóveis (em termos físicos), estes edifícios – que têm padecido dos males decorrentes do progresso e do crescimento urbano – são testemunhos de um passado, ainda não muito longínquo, que urge não se perca. Reveste-se de fulcral importância a sua correcta conservação.

Dos exemplos referidos subsiste a pitoresca *Villa Louise*. Cabe-nos não a deixar ceder perante os atractivos do mercado e as não raras dificuldades encontradas, aos níveis político, técnico ou orçamental, pelos propulsores de programas de conservação e reabilitação de edifícios históricos.

Bibliografia

- ANTUNES, Alexandra, *O Palácio Anjos e a Arquitectura de Veraneio em Algés*, Oeiras, Ed. CMO, 2004.
- COLAÇO, Branca de Gonta e ARCHER, Maria, *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1943.
- Digressão Recreativa – Passatempo Alegre ou Revista do Viver das Praias, na epocha dos banhos do mar, no corrente anno de 1870*, Lisboa, Typographia Portugueza, 1871.
- FIGUEIRA, Pe. Francisco da Silva, *Os primeiros trabalhos litterários*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865.
- GOMES, Levy Nunes, *Cruz Quebrada – Dafundo. Património e Personalidades*, Ed. CMO, 2006.
- MIRANDA, Jorge Oliveira, «Contributo para o Estudo do Impacte do caminho-de-ferro nos Concelhos de Oeiras e Cascais», comunicação apresentada no *II Encontro de História Local do Concelho de Oeiras - Para uma História da Paisagem no Concelho de Oeiras*, Nov. 1994, policopiado.
- Idem, «A antiga fábrica de curtumes da Cruz Quebrada», in *Jornal da Região – Oeiras*, n.º 207, 27 Abril 2001, p. 9.
- Idem, «O clube da Cruz Quebrada» in *Jornal da Região – Oeiras*, n.º 208, 4 Maio 2001, p. 9.
- Idem, «A Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz Quebradense» in *Jornal da Região – Oeiras*, n.º 209, 8 Fev. 2001, p. 9.
- MONTEIRO, Gilberto, «O Sítio da Cruz Quebrada - Nótulas de micro-história» in *Separata O Fermento*, Cruz Quebrada, 1960.
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante*, Livraria Clássica Editora, 1976 (1.ª edição de 1876).
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Portugal. Dicionario, Historico, Chorographico, Heraldico, Biographico, Bibliographico, Numismatico e Artístico*, 7 vols., Lisboa, João Romano Torres, 1904-1915.
- PROENÇA, Raul, *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores – vol. I*, Ed. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924.

